

*a experiência e a aventura do diálogo no aprender  
no saber e no partilhar o aprender e o saber*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***

## 1. Aprender ou co-aprender?

Em alguns escritos recentes sobre a *aprendizagem*, o *saber* e a *educação*, parece haver uma quase sugestão de que todo este “milagre humano”, a respeito do qual surgiram de pouco tempo para cá tantas e tantas descobertas extraordinárias, é algo absolutamente pessoal. É alguma coisa que se realiza numa relação entre o meu cérebro, a minha mente, a minha inteligência (ou as minhas inteligências) e “o mundo a ser conhecido”. Tudo o mais, incluindo outras pessoas, é acessório, é coadjuvante mesmo.

Nada mais infeliz do que esta possível falsa visão tão individualista. Nada mais ilusório do que imaginar que todo o misterioso trabalho pessoal do saber-aprender-saber-aprender (ou: aprender a saber e saber aprender) é uma questão a ser resolvida por cada pessoa, individualmente, no máximo com a ajuda de outras: o educador, uma professora, um bom livro e assim por diante.

Ao contrário. Na verdade o trabalho de aprender-e-saber é sempre uma múltipla experiência dialógica. “Múltipla”, porque é algo vivido diariamente, a todo o momento, em situações e dentro de dimensões de trocas de sentidos e de significados que vão das instâncias interiores de cada uma de nós até as redes de pessoas envolvidas em algum trabalho solidário de desafiar o conhecimento e, portanto, de lidar com o aprender. “Experiência” porque envolve sempre o próprio trabalho da vida, a relação entre conviver, criar, fazer algo para, com, ou através do conhecimento. A começar pelo complexo trabalho de re-equilíbrio de todo o ser da pessoa, que está sempre acontecendo durante e após (mas existe um “após”, aqui?) a vivência da aquisição de um novo conhecimento significativo, como um ato de aprendizagem. “Dialógica” porque sempre o processo e o produto de uma troca. De um sair de si para si mesmo, toda a vez em que sensibilidades, afetos, modos pessoais de inteligência, eu, ego, self e seus diferentes níveis e territórios de vivência e de participação na aprendizagem e no conhecimento, entram na teia de cada momento em que cada um de nós vivencia a experiência de aprender-e-saber. E isto é sempre, porquanto no aprender a mínima “coisa” toda a teia interior envolvida na aprendizagem é de novo mobilizada e posta em ação. Depois, um sair de si mesmo em direção ao outro. A alguma outra, a algumas outras pessoas com quem, em um momento único ou em múltiplos momentos de nossa vida, vivemos a partilha do saber e a repartição inevitável do conhecimento.

Aprender é o movimento mais essencial do empenho pessoal para a vida. Somos uma vocação infatigável para a vida e o viver, em cada um de nós, não é outra coisa senão um abrir-se a cada novo instante para o desafio, o mistério e o milagre de continuar-vivendo. A vida nos desafia a cada segundo a seguirmos nela, em seu fluxo, e aprender é a resposta mais humanamente natural a este apelo.

Em cada um de nós a vida se oferece como um penhor, como uma dádiva que, no entanto, exige de nós, como resposta, o desempenho. Estar vivo é estar continuamente devolvendo à dádiva da vida as nossas respostas de existência, de participação e de partilha na própria teia da vida. Estar vivo é, a cada novo instante, querer viver. É o que nos lembra o filósofo Emmanuel Carneiro Leão da seguinte maneira:

*Como a palavra querer, também as palavras questionar, questão e questionamento vêm do latim quaerere. Quererere significa: empenhar-se na busca e procura do que não se tem, por já se Ter e para se vir a ter<sup>1</sup>.*

Ao nos perguntarmos o que significam: aprender e ensinar, podemos tomar o caminho mais tradicional. E qual é ele? Aquele que separa uma coisa da outra. Aquele que considera aprender uma questão de psicologia, de uma psicologia da aprendizagem (associada a outras “psicologias” especializadas, e que trabalha a “questão do aprender” na fronteira entre elas e a psicopedagogia. E que considera o ensinar como uma questão situada em uma outra zona de fronteira: entre a pedagogia e a didática. Não é mais ou menos assim?

Mas podemos tomar um outro caminho. E todas as idéias trazidas para aqui apontam para ele, sem dúvida alguma. Deixem que eu traga uma outra idéia, procedente agora de uma outra origem: a da semiologia das palavras. Que elas nos ajudem a encontrar um lugar onde aprender-e-ensinar sejam mais do que apenas dois lados de uma mesma moeda. Vejamos.

Quando os gregos criaram palavras para significarem: aprender e ensinar, quando eles buscaram palavras que traduzissem o movimento do ensinar-e-aprender, ou do aprender-e-ensinar, eles denominaram este movimento com um mesmo radical:

---

<sup>1</sup> Emmanuel Carneiro Leão, **Aprender e Ensinar**, capítulo 4 de *Aprendendo a pensar*, Editora VOZES, Petrópolis, 1991, pg. 44

*mantháno*. Entre eles a palavra *máthesis* - de onde nos veio: matemática – significa ao mesmo tempo o ensino e a aprendizagem em um duplo sentido. Primeiro: o que é ensinado e é aprendido. Segundo: o próprio processo de ensinar-e-aprender ... ou de aprender-e-ensinar. Assim, a palavra derivada *mathémata* traduz, ao mesmo tempo, o que pode ser ensinado e o que pode ser aprendido. E uma outra palavra: *mathetés*, serve tanto para o aluno que ensina aprendendo, quanto para o professor que aprende ensinando (Carneiro Leão, pg. 46).

Ora, esta idéia original perdeu-se em nosso tempo. Houve um esquecimento pedagógico e pouco a pouco o que existia unido, como integrante de um mesmo eixo entre iguais diferenciados, foi formando parte de pares de opostos, de partes de um eixo de desiguais, antagônicos: aprender e ensinar, *ensino* e *aprendizagem*, aquele-que-sabe-e-ensina (o professor, o docente, o educador, o doador de um saber) e aquele-que-não-sabe-e-aprende (o aluno, o docente, o educando, o receptor de um saber).

Mas todos nós, educadores e/ou educando, sabemos por uma experiência própria que repetimos muitas vezes a cada dia, que é bem mais difícil aprender do que ensinar. Sabemos também que diante de cada gesto de aprender, realizamos um trabalho ativo muito mais complexo e difícil do que se imagina em geral. Até mesmo quando o que aprendemos parece ser algo muito instrumental, como o Domínio progressivo de uma técnica de informática, ainda aí existe um processo de integrações que envolve todos os níveis e todos os campos de nosso ser interior: da afetividade até a memória, de um tipo de inteligência específica para aquele estilo de aprendizagem, até um totum de inteligência, de trabalho holístico da mente, do espírito, da percepção, da memória, do corpo, de ... que é chamado a operar para que haja de fato um “momento de aprendizagem”.

Entre Piaget e Vigotsky - e quantos e quantos mais? – há um dado de origem socrático nem sempre levado em conta. Em todo este trabalho do ofício de aprender, em todo o esforço no sentido de incorporar novos conhecimentos, de re-integrar a inteligência e tudo o mais de mim-mesmo através de um novo saber adquirido, há um “passo-a-passo” inevitável.

A cada fração do processo de aprender, eu só integro em mim algo como: “isto eu sei” na medida em que desperto em mim algo eu que já sabia. Ou melhor, na medida em que torno meu (meu conhecimento, minha idéia, etc) algo que já estava em mim. Vejam bem, não no sentido cumulativo de uma nova posse que aumenta as minhas posses simbólicas, mas no sentido de algo que existindo em comum,

disponível entre todos e a todas as pessoas que participam do fluxo de um saber, está-também-em-mim. Algo que já sendo meu, interage criativamente com aquilo que estou-aprendendo-agora. Algo que eu só estou-aprendendo-agora, porque de algum modo já estava em mim, e desperta em mim como um saber que á mais internalizado do que propriamente adquirido. É quase como dizer que eu só aprendo o que eu já sei. É como dizer que eu somente aprendo o que entra em diálogo com o aprendido-antes.

Há uma passagem de Rousseau que fala de Deus e da oração. Eu a encontrei uma vez em um livro de pensamentos coletados e criados por Tolstoi. ela cabe bem aqui. Diz assim.

*Se pedir a Deus seu apoio, aprenderá a descobri-lo dentro de si mesmo. Ele não nos transforma, porém nós transformamos a nós mesmos ao nos aproximarmos d'Ele. Todos pedem a Ele, como se Ele tivesse a obrigação de nos ajudar, mas no fim nós é que nos damos estas coisas<sup>2</sup>*

Assim se pode dizer que cada pessoa é o sujeito pleno de seu próprio conhecimento. Do mesmo modo como ninguém pode beber água por mim, embora possa me estender um copo com água, assim também ninguém pode me ensinar, embora possa colocar um conhecimento novo à minha disposição. Conhecer é sempre um nascer-de-novo com aquilo que – agora – se sabe. Este nascer-de-novo acontece tantas vezes, de tantas maneiras, que acabamos por nos tornar insensíveis ao seu milagre. Mais ou menos como beber sete copos de água ao longo de um dia sem pensar como este gesto pequenino, este gesto simples, gratuito não apenas me mantém vivo, mas re-integra em mim a própria vida. Eu “bebo água” porque tenho sede. Bebo água porque preciso dela para viver. Bebo água porque, tendo sede, isto “é muito bom”. Mas a água que eu bebo não “mata” só a minha sede (como essa coisa tão boa, que é “Ter sede pra beber água” devesse morrer). A água bebida torna-se todo o meu corpo. Ela repõe em mim uma nova porção da própria vida. Seria um exagero dizer que um copo de água bebido é um gesto de comunhão com toda a

---

<sup>2</sup> Jean Jacques Rousseau, apud. Leon Tolstoi, *Calendário de Sabedoria*, 1999, pg. 68

vida? Assim é o aprender. uma sede sem fim em busca de uma água que nunca acaba.

Este aprender-por-si-mesmo corresponde a um ensinar-ao-outro que é, na verdade, um ensinar-com-o-outro. Pois se na troca que o trabalho de saber inaugura a cada momento um processo intersubjetivo onde cada pessoa envolvida é o sujeito, o agente, o autor e o ator pleno de sua própria integração de conhecimentos, ensinar acaba sendo duas coisas. Primeira: o criar condições interativas para que um fluxo de saber circule, esteja livre, seja disponível. Isto é: oferecer não tanto um conteúdo de conhecimento objetivo, exterior, mas a viabilidade dialógica destinada a que cada pessoa envolvida em um momento de uma rede de descoberta pessoal e solidária de descoberta de um saber, participe dela da maneira mais livre e motivada possível. Segunda: oferecer ao outro, aí sim, o meu próprio saber, algo disponível para o diálogo, de meu próprio conhecimento. Não para que a outra pessoa, minha aluna, meu aluno, saibam como eu o que eu sei. Para que, tendo disponíveis para eles o conteúdo de um saber meu, eles lidem com “isto” de modo a despertar com o estímulo de meu saber, algo que já está neles. Algo que será então integrado a uma consciência de saber. Melhor ainda, a uma consciência de “isto eu sei”

*Pois aprender não é acumular, como crescer não é aumentar de tamanho. Só aprende quem sabe, no que compreende, o sabor do que já possui, a riqueza misteriosa de sua identidade. Acontece realmente um aprender, quando a compreensão do que se tem, for e vier a ser sempre um dar-se a si mesmo sua própria identidade<sup>3</sup>. Carneiro Leão, pg. 49).*

Agora talvez faça sentido um trecho de escrito do T. S. Elliot de que eu gosto muito, embora não saiba exatamente em que poema está. Ele diz mais ou menos assim: o que é que o conhecimento perde com a informação? E o que é que a consciência perde com o conhecimento? Será assim mesmo?

O que é que o saber perde de si, quando se resume a uma informação? O que é que “conhecer” perde de si, quando se resume a ser uma acumulação de conhecimentos? Mas o que é que a consciência (a dimensão de mim mesmo que sabe de mim e sabe “conscientemente” de meu mundo, através do que eu aprendo)

---

<sup>3</sup> Carneiro Leão, op. Cit. pg. 49).

perde quando o que eu conheço não muda para algo melhor a minha própria identidade?

Então seria preciso voltar a cada item das páginas anteriores, quando a todo o momento é dito e repetido que aprender não se limita a adquirir quantidades de conhecimentos e acumular porções do “adquirido”, mas significa, ao contrário, transformar toda a consciência de mim mesmo através da integração de cada novo saber. Quando se faz um longo “ah!” quando se aprende algo novo, importante, cheio de sentido, é porque se acabou de lograr algo mais do que “um novo conhecimento”. É porque a consciência que aprende – e de-quem-aprende – descobre com susto e alegria que já não é mais a mesma depois “daquilo”.

Aprender-e-ensinar constituem uma relação tão indissociável, que deveriam ser escritos assim, com hífen, como uma palavra só formada de três, onde talvez a mais importante seja o “e” que une as duas e dá sentido a ambas.

Uma metáfora interessante da relação aprender-ensinar é a do arco-e-flecha. Sem o arco a flecha é inútil. Não pode ser atirada e não tem como voar ao seu destino. Fica imobilizada, embora sempre pronta a viajar, a ser atirada, a atirar-se, após o movimento inicial. Sem a flecha, qual a utilidade do arco? Ele se distende em mãos hábeis, mas retorna depois ao repouso sem haver feito nada. Sem haver atirado a flecha ao seu alvo, razão de ser de seu trabalho. Motivo de sua existência de arco.

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Se a frase tão repetida entre nós do João Guimarães Rosa não é bem assim, é quase. E ela não desperta tanta coisa boa em nós somente porque é bonita, quase uma poesia escrita em prosa. Ela faz isto porque é uma verdade inteira. educador é um sempre-aluno. Ele aprende que só começa a saber ensinar realmente quando descobre continuamente o seu próprio não-saber. Melhor ainda, quando passa de ensinar o que já sabe (e que ilusória e temporalmente o livra de “precisar aprender”) e começa, então, passo a passo, a ensinar o que não sabe. Então ele, aprendiz sem tréguas, estuda, pesquisa, cria a todo o momento um saber gerado da consciência contínua do não-saber. E, principalmente, vive cada momento “de aula” como um diálogo. Um diálogo com os outros – seus alunos, seus educandos – ano como u ato de tolerância, uma espécie de “metodologia da conversa coletiva em aula – mas como um gesto de reconhecimento. Só um diálogo de busca constante do saber através das inter-trocas de nossas perguntas e respostas, gera um genuíno conhecimento: em cada um de nós e entre todos nós. Pois na experiência generosa do diálogo na educação, há um saber que se constrói solitariamente em cada um dos participantes, sob a condição

de que, ao mesmo tempo, haja um saber solidário, construído como uma espécie de verdadeira “cultura da turma”. Somente existe um educador naquele que se recusa a abandonar o diálogo.

Podemos agora reunir duas idéias importantes: a da aprendizagem como um contínuo processo de auto-organização do todo da pessoa + a da educação como o trabalho de busca solidária do saber, como auto e como *alter aprendizagem*, a ser vivenciado sempre em situações de diálogo.

Assim, retenhamos como em uma síntese provisória, o princípio de que sendo algo profundamente pessoal, a aprendizagem se volta para o outro, ela busca o outro, ela descobre que o seu lugar de existência, de realização a cada momento é um diálogo múltiplo. Uma espécie de conversa amorosa e sem fim: primeiro entre a pessoa e ela mesma, isto é, entre as mais diferentes (e inesperadas, em alguns casos) instâncias interiores de cada um de nós; depois, entre cada “sujeitos aprendente (educando ou educador) e outro, e outros de seus círculos do saber; finalmente, entre todos eles e os cenários de vida e de cultura em que cada situação de aprendizagem, logo,, de educação, acontece.

Assim, de um lado a educação deve consistir no criar condições interpessoais para a auto-organização de seus sujeitos, através de situações intencionais de aprendizagem. Aprendizagem, é bom lembrar, como a sempre busca do novo e a possibilidade de uma integração fecunda deste “novo” com o “já aprendido”. Já aprendido mas sempre instável, sempre passível de recriar-se, de acrescentar algo “não sabido”, de incorporar novos conhecimentos capazes de realizar integrações de sentido e significado não apenas na mente da pessoa que aprende, mas no todo de sua própria pessoa. Hugo Assmann tem uma expressão feliz a este respeito: “aprender é sempre pela primeira vez”.<sup>4</sup>

De outro lado a educação deve ser uma instância importante no processo social de criação de novas idéias, de novos saberes, de novos imaginários como uma construção cultural coletiva, solidária. Isto deve ser dito com muita ênfase. Isto porque sempre se corre o perigo de pensar a aprendizagem como uma espécie de “questão individual de cada aluno”, onde o fato coletivo, o grupo, a turma-que-aprende, e mesmo o diálogo são apenas instrumentais e episódicos. Ao contrário, a educação cria, mais do que pessoas educadas, círculos coletivos de vida e de cultura educados, transformados solidariamente a cada momento da aprendizagem. Há uma

---

<sup>4</sup> Hugo Assmann, op. Cit. Pg. 65.



objetividade no processo da aprendizagem que nunca pode ser deixada em segundo plano. Eis a razão pela qual tenho dito aqui que o diálogo, a intercomunicação, a interação amorosa dos sujeitos aprendestes não é uma “coisa” ou uma questão metodológica, mas ela habitar a própria ontologia da aprendizagem, o próprio coração da educação, a própria alma da busca de conhecimento.

Esta deveria ser também um dos motivos mais visíveis pelos quais a educação e a aprendizagem devem ser pensadas como um exercício saboroso. Não há processo de ensino quando não há desejo de aprender. Não há desejo de aprender quando não há um motivo profunda e afetivamente pessoal dirigido ao aprender. É uma água boa de se beber sempre, porque sempre se tem sede e o desejo da água. Mas também a educação deve ser uma vivência prazerosa em si mesma (e não em um eterno “depois”) não pelo que pode acrescentar a cada um de seus integrante, pessoalmente, mas pelo que pode e deve estar sempre criando e recriando em um sentido cultural, em uma dimensão solidária. O meu saber e o aumento do meu saber só valem de alguma coisa se aumentam e melhoram as minhas possibilidades de diálogo com os meus outros.

É para um dialogo mais amorosamente fecundo e profundo com toda a vida à minha volta (uma ecologia do saber e da educação) comigo mesmo (uma ecologia profunda do eu) e com os meus outros (uma antropologia ativa do criar saber para recriar mundos mais humanos) que serve o aprender, o deixar-se educar, isto é, o estar envolvido em situações dialógicas onde cada um a seu modo, mas sempre na construção solidária com outros, adquire e constrói o seu “novo saber”, uma mesma medida em que cria, com os outros, com o círculo dos outros sujeitos culturais aprendentes, (professor inclusive) um passo a mais em uma cultura mais “sabedora de si mesma”, logo, mais potencialmente humana.

*É preciso ousar, no pleno sentido desta palavra, para falar em amor, sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup> Não sei dizer o local original desta passagem de Paulo Freire. Sem maiores indicações eu a tomei de um artigo do educador gaúcho Euclides Redin: *Paulo Freire – da “linguagem da crítica” para a “linguagem da possibilidade”*. Foi publicado no **Cadernos pedagógicos 2**, da Secretaria de Educação do Governo do Rio Grande do Sul, como parte da inesquecível “Semana Pedagógica Paulo Freire” em Porto Alegre, no ano de 2001.

Malgrado tudo, somos seres humanos. E podemos acreditar que em nosso estado original e na plenitude da experiência de nosso ser, somos seres originados do *amor* e convocados a ele. Somos pessoas destinadas a criar interações, momentos de vida, partilhas de cotidiano e história de povos e de mundos regidos/as pelo amor e dirigidas/os a ele. Somos seres vocacionados a uma história amorosa construída pela cooperação e, não, pela competição.

Estabelecer qualquer campo de relações entre pessoas – do contexto de um namoro ou de uma família ao de toda a humanidade - sobre o princípio da competição não equivale a contrapor-se a uma “visão romântica e utópica sobre a pessoa e o mundo”, a partir de uma “visão racional e realista”. Ao contrário, tudo o que nos afasta da vocação original de sermos seres do *amor* significa pensar a Pessoa, a Vida e o Mundo a partir do que não é nosso em nós mesmos e entre nós mesmos. Somos seres pertencentes à solidariedade e à cooperação, não ao interesse egoísta e à competição. Somos destinados ao encontro solidário entre sujeitos e, não, à agressão competitiva entre seres tornados objetos um para o outro.

Antes de qualquer técnica de trabalho, antes de qualquer metodologia em qualquer campo do encontro entre pessoas, o que de fato importa é o “clima” que se cria no momento e no lugar em que este encontro acontece. O que nos desafia é o aprendermos a construir contextos de relações ou cenários humanos amorosamente culturais e fundados entre reciprocidades livres e gratuitas entre pessoas. Parece ser um sonho romântico, mas é apenas a condição de sobrevivência de Nós, da Humanidade e da Vida.

Tudo aquilo que chamamos de “problemas de aprendizagem”, de “questões de indisciplina”, de “bloqueios ao crescimento”, é antes de mais nada algo relativo à ausência do amor no espaço da convivência. É devido à sua ausência ou à desproporção entre a emoção do amor e das emoções-e-ações interativas derivadas deles, e a predominância de emoções regidas pelo interesse utilitário, a competição e a agressão. As pessoas resistem a isto enquanto podem e como podem. Resistem mais ainda quando são crianças e adolescentes. Mas não resistem ao amor, não resistem a ele e ao que o amor cria, quando se vive as ações que ele gera.

São múltiplos e muito diversos os contextos dos atos e os cenários dos gestos do encontro entre pessoas, quando vividos como uma comunicação no diálogo entre sujeitos, ou quando tornados trocas de informações regidas pelo interesse de uma pessoa sobre uma outra. Nas duas pontas, os seus extremos puros são quase inexistentes, de tão raros. Mas, entre eles, qualquer instante de uma vivência a dois, até mesmo na brevidade de se cruzarem numa esquina, pode envolver um deles. Tomando como exemplos o que nos é mais conhecido, podemos pensar os cenários interativos dos encontros assim: a) aqueles em que se **faz**, como quando pessoas se reúnem para edificarem algo útil, juntas, tal como o começar a construir a casa onde se vai viver; b) aqueles em que se **cria**, como quando se constrói a casa com um sentido de harmonia, de beleza e de dedicação a alguma coisa que se edifica com um sentido maior do que o da utilidade de se vender ou apenas morar na casa; c) aqueles em que se **aprende**, como quando entre pessoas há uma intenção da vivência de trocar gestos e sentidos e, assim, fazer com que habilidades, conhecimentos, valores e outros símbolos e significados da vida cultural sejam intercambiados em situações de ensinar-e-aprender; d) aqueles em que se **celebra**, e eles são os festejos, os ritos, os rituais, as consagrações, as celebrações, como quando pessoas se reúnem para se dizerem e aos outros quem elas são, em que elas crêem, como elas vivem e querem viver, o que elas esperam, o que elas festejam, o que rememoram, o que elas desejam que perdure ou seja mudado, ou ainda, quem são aqueles seres – deus, deuses, seres de poder, heróis, pessoas do lugar - em nome de quem se realiza e comemora tudo aquilo, e o que se espera que eles sejam ou venham a ser, que eles criem ou venham a criar; e) aqueles em que se **joga**, como quando pessoas ou grupos de pessoas se colocam frente a frente, e se encontram e se enfrentam, e a partir de como competem entre elas, ou entre elas cooperam para criarem algo juntas, gerando resultados que por algum momento demarcam entre elas entre elas a desigualdade ou a diferença.

### ***Adendo – a informação, o conhecimento e o saber***

Uma idéia que nos vem do domínio da educação poderia ser lembrada aqui. Em um de seus livros, o educador francês Bernard Charlot recorre a um outro pensador para estabelecer uma diferença entre a informação, o conhecimento e o saber. Faço a minha leitura própria de suas idéias, e pode ser que esteja estendendo muito o que ele – e J.M. Monteil, em que fundamenta suas idéias aqui – poderia estar pretendendo afirmar sobre o sentido do saber.

Em seu livro *Da relação com o saber – elementos para uma teoria* Bernard Charlot trás de um texto de 1985, de J.M. Monteil, uma escala de diferenças importante aqui.

Uma primeira dimensão do que nós podemos aprender pode ser denominado de *informação*. E, na verdade, sobretudo depois dos poderes da internet, esta palavra ganhou uma centralidade inesperada e desproporcional, pois “estar bem informado” parece ser, para muitas pessoas, o ideal-limite do aprendizado. E uma grande parte de tendências atuais da própria educação escolar e não escolar (como num curso de computação, ou de aprendizagem de direção de automóveis) parece estabelecer a acumulação de informações adequadas como o eixo da própria aprendizagem escolar. Ela é, em uma dimensão instrumental, tudo o que parece que se necessita quando tudo o que se pretende é ser competentemente capacitado em algum tipo de habilidade ou de habilitação funcional.

*A informação é um dado exterior ao sujeito, pode ser armazenada, estocada, inclusive em um banco de dados; está sob “a primazia da objetividade”, mas é uma informação de que o sujeito se apropria<sup>6</sup>*

Para além da *informação*, o *conhecimento* está situado em uma outra esfera de aprendizagem e de cognição. Ele estende-se a uma atividade pessoal e coletiva mais complexa, pois o conhecimento realiza-se através de uma atividade subjetiva centrada no estudo, no esforço e, sobretudo, na reflexão pessoal de não apenas um sujeito-informado, mas um sujeito-aprendente. Um alguém que não apenas aprende o que informa e usa o que aprendeu como uma informação, mas pensa e que aprende e

---

<sup>6</sup> Bernard Charlot, *Da relação com o saber*, página 61.

reflete o que integra em sua consciência como um novo conhecimento. Uma pessoa, enfim dotada de uma substância afetivo-cognitiva que realiza a passagem de uma pura e simples *aquisição de informações* para uma sempre crescente e transformável *integração de conhecimentos*.

Em uma outra dimensão ainda mais complexa e humanamente interativa e solidária, para além do *conhecimento*, o *saber* provoca e fertiliza complexos de aprendizagens que ultrapassando a subjetividade - ausente na *informação* e presente no *conhecimento*, realiza-se através da intersubjetividade, ausente ou pouco importante e no *conhecimento*).

*O saber é produzido pelo sujeito confrontado a outros sujeitos, é construído em “quadros metodológicos”. Pode, portanto, “entrar na ordem do objeto” e torna-se, então, um “produto comunicável”, uma “informação disponível para outrem”<sup>7</sup>.*

Ora, entre a *informação*, o *conhecimento* e o *saber*, a experiência humana do ensinar-e-aprender salta de pacotes que se acumulam, objetiva e instrumentalmente, em e como estoques de informações da pessoa-informada, para “eixos e feixes” que pessoas-aprendentes e reflexivas partilham através de redes internas e socialmente interativas e co-participantes daquilo que se sabe, daquilo que se integra como sistemas instáveis e transformáveis de saberes, e daquilo que dialogicamente se troca, como relações entre pessoas e círculos de pessoas através de seus saberes. Assim, podemos ousar pensar que a *informação* é o que nós acumulamos, o *conhecimento* é o que nós aprendemos, e o *saber* é o que nós e entre-nós, reciprocamente intercambiamos, trocamos, fazemos fluir não como uma posse (o conhecimento que eu possuo e é meu) mas como um dom. Como aquilo que eu partilho e continuamente faço fluir através de mim. Aprender a saber significa saber integrar-me em círculos cada vez mais amplos e diferenciados de “sabedores”. De pessoas não apenas informada ou instrumentalmente “sabidas”, mas pessoas realmente sábias, no sentido mais humano desta esquecida palavra. Pois elas sabem que o seu saber é algo vivo e existente nelas (ou “em mim”) sob a condição de fluir *por e entre* elas.

---

<sup>7</sup> Bernard Charlot, op.cit, página 61